

MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

TERRITÓRIO (Zulmira Nóbrega)

A idéia de território, inicialmente, é vinculada a espaço geográfico, e, do ponto de vista legal, está subordinada aos princípios de soberania de determinado Estado ou mesmo de propriedade de alguma pessoa física ou jurídica servindo, assim, de base conceitual para, no ponto de vista cultural, também se referir à propriedade, no que tange ao fato de todo o lugar, historicamente, ao apresentar um meio ambiente (no sentido de haver atividades antropomórficas em determinado limite territorial de ambiente natural) ter sua própria cultura, podendo ser, ou não, única, original ou diferente. Desse modo, a cultura é intensamente associada ao lugar, principalmente no aspecto que lhe dota de especificidades próprias. A “personalidade cultural” do lugar se efetiva não pela certeza de sua localização espacial única, mas principalmente por suas manifestações de arte, usos, costumes e tradições peculiares, mesmo que sejam parecidas com as representações de outros territórios, já que o importante é o reconhecimento de haver representações culturais perceptíveis no local. Entretanto, todo esse processo referente à territorialidade e cultura, apesar de sua, rica e complexa historicidade vem sendo alvo de muitas indagações nestes tempos de globalização, em que não apenas as fronteiras comerciais foram derrubadas, mas também, as culturais, de forma violenta e inexorável. Tanto que Canclini (2001 A: 58), ao abordar o tema dos entrecruzamentos culturais em incontáveis lugares, considerando o assombro que tal processo vem provocando em estudiosos de diversos saberes diante à balbúrdia face à profusão de representações que saem de muitos países e se alastram por quase todo o Planeta com o efeito de ser difícil impedir as suscetibilidades das pessoas diante de qualquer manifestação cultural, já que a oferta é por demais numerosa e variada. Apoiados no pensamento de Canclini (2001 B), que realmente vivemos em tempos de culturais híbridas em territórios onde a lógica globalizante impera solidificando a “trama de obliquidades culturais”.

Se existe o consenso generalizado, pelo menos, nos meios acadêmico-científicos, de que a globalização econômica submete os países periféricos aos ditames das nações centrais, com maior poder de produção e domínio tecnológico, há pesquisadores das áreas de conhecimento que pautam os estudos culturais que também acreditam haver uma subordinação cultural de territórios inferiores economicamente,

MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

jogando mais combustível na secular discussão sobre o antagonismo entre a cultura das classes dominantes (cultura das elites) e a cultura das classes menos favorecidas financeiramente, ou seja, a dita cultura popular. Nesse caso, geralmente, as pessoas com poder econômico e político ostentavam apenas o respeito e reconhecimento de sua própria cultura, mesmo se suas manifestações escapassem da “classificação erudita”, desconhecendo e desprestigiando as representações do povo, aceitando-as, apenas, na coexistência e sob a égide do arcabouço cultural dominante. Por isso que Marx e Weber (*in* Cucho, 2002: 45) se ocuparam do fato: “a cultura da classe dominante é sempre a cultura dominante”. Porém, sabemos que eles não queriam dizer com isso que as culturas das classes dominantes teriam o poder intrínseco para naturalmente sujeitar as demais culturas. Tanto que a dialética da matéria, proporciona o conhecimento de outros estudiosos, a visão do outro lado considerando a cultura popular independente, com poderes de criação e de resistência às manifestações das elites.

Procurando por pensamentos mais atualizados, apesar de o etnocentrismo procurar a pontuação das especificidades de cada cultura, procurando classificar a heterogeneidade, preferimos privilegiar o relativismo cultural, pressuposto teórico direcionado para a compreensão da coletividade específica em todo o mundo, de forma que todas as sociedades e culturas, mesmo diante suas respectivas singularidades, são análogas, justamente por possuírem, em comum, muita diversidade na sua própria esfera cultural. Logo, diante os conteúdos intrínsecos, formas, funções e múltiplos conteúdos de cada comunidade, prova de que a diferença é característica de toda a espécie humana, a aceitação de outros grupos face seus valores culturais dever ser algo bastante natural. E diante a força globalizante das comunicações, em que a mídia exerce um papel decisivo de veiculação e influência, parece ser impossível evitar as influências de fora.

Todavia, mesmo o tema, sendo muito atraente para maniqueísmos de alguns saberes, um olhar descompromissado reconhece, mesmos nos “territórios globalizados” a existência de um imaginável número de comunidades em que a permanência e o valor das manifestações culturais locais permanecerem vivas, sejam as tradicionais pontuadas pelas heranças históricas e memoriais, ou as que se adaptam aos novos tempos e se manifestam no cotidiano diante do dinamismo dos processos culturais. O fato de a

MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

cultura de um lugar mudar com o tempo, influenciada, ou não, por representações de outros territórios, não significa que é característica ou peculiar da comunidade.

Todavia, se não pode haver maniqueísmos críticos em relação à força das “culturas dominantes”, subjugando as populares, também devemos evitar a ingenuidade de não considerar as forças econômicas, o poder de fogo indústria cultural, trazendo representações de outros territórios ou mesmo “espetacularizando” as representações populares, já que vivemos numa *Sociedade de Espetáculos* (Debord: 1997) que sai em turnê por todo o globo, saindo dos países ricos, ensinando como se faz aos mais pobres.

Mas de acordo com o dinamismo do processo, se há territórios que perderam, ou vem perdendo paulatinamente sua identidade cultural, há outros que aumentam seu conjunto de manifestações não apenas pela enorme variedade de suas peças de notável potencialidade criativa, mas também por possuir o poder de decidir sobre seus próprios tempos e espaços de efetivação. Como grande exemplo, temos a própria cultura popular brasileira que sustenta suas manifestações tradicionais, históricas e memoriais nestes momentos de contemporaneidade, mas também continua reunindo novas ocorrências perfeitamente adaptadas ao natural processo evolutivo cultural, que marcou as diferentes épocas da civilização, como também se concretiza em milhares de comunidades espalhadas por todo o país, rurais, suburbanas e até mesmo em setores urbanos, defendidos por alguma lógica espacial territorial, que sobrevivem e continuarão sobrevivendo alheias às pressões da tecnologia e das culturas pós-modernas, e ao foco de interesse de olhares de fora. Como negar as características específicas dos carnavais de cada cidade-território do Nordeste, assim como as grandes festas do ciclo junino da mesma região, as festas de Peão de Boiadeiro, o Círio de Nazaré, o Boi de Parintins, entre tantas outras, considerando, ainda, os usos e costumes do cotidiano, as expressões populares, a gastronomia exótica de cada lugar? A Bahia tem territórios que vivenciam o *Reggae* e o *Rock*, ao lado do *Axé Music* e sem nunca ter deixado o Samba de Roda, assim como as religiões cristãs, principalmente a católica e as evangélicas convivendo com o Camdomblé. *Mac Donalds* nos shoppings, mas baianas vendendo Acarajé em muitas de suas esquinas.

Os estudos sobre territorialidade e cultura encontram muitas páginas na literatura que se ocupa da questão relacionada ao turismo, diante os preceitos científicos da área que não admite a perda da personalidade cultural do lugar devido à invasão de turistas

MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

que trazem em suas malas o calção de banho ou o biquíni, mas no espírito sua cultura. Por isso e também face à lógica economicista lugares mudam rapidamente sua estrutura e visual arquitetônico para a instalação de serviços de transporte, hospedagem, alimentação, lazer, entre muitos outros. Importantes pensadores da atualidade, tais como Morin, Baudrillard, Eco e Maffessoli, além de outros, como Ítalo Calvino que, em *Especulações Imobiliárias* define bem o processo da alteração física e sócio-cultural dos espaços territoriais transformados pelas atividades turísticas, a exemplo das mudanças ocorridas na Riviera Italiana, segundo o sentimento dos moradores locais sobre a “paisagem querida que morre”, e seu território pátrio transformando por clichês. (Calvino: 1992). Há uma tendência mundial de homogeneizar as cidades no que tange à sua arquitetura e aparência. Um modelo que atende às especulações imobiliárias e a indústria da construção civil, altamente rentável. Daí Calvino (*ibidem*) considerar as grandes cidades como um “catálogo interminável”, em função de arquiteturas e tecnologias pós-modernas em traçados homogêneos, territórios com “a forma de Los Angeles, com a forma de Kioto-Osaka, sem forma” (Calvino, 1992: 126).

E o que mais nos preocupa é o fato de tais denúncias também servirem para explicitar as ocorrências que se sucedem ao nosso redor. O Brasil na condição de país emergente e aberto ao investimento internacional é alvo fácil para as especulações do capital multinacional. Daí nossa territorialidade já ser identificada cultural e espacialmente nos modelos pasteurizados de *shoppings centers*. Nosso litoral, com incontáveis lugares de enorme beleza, vem sendo reservado e explorado por *resorts* de bandeiras internacionais que implantam modelos pasteurizados de hospedagem, alimentação e consumo. Com a proposta de criar “ilhas de excelência turística”, acabam formando “não lugares”, ou “lugares foras do lugar”, aqueles que ocupam um território sem identidade e cultura autóctones por não contarem com a presença da população nativa. Dessa forma, a grande aventura do turismo com o território original, lugar de encontros de culturas, da atração natural e a curiosidade pelo comportamento do outro, de trocas de olhares de reconhecimento das diferenças físicas e espirituais, torna-se impossível. A emoção de identificar e vivenciar o novo é, simplesmente, negada.

Referências Bibliográficas:

BAUDRILLARD, Jean. *Simulações e Simulacros*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANCLINI, Nestor Garcia (a). *Definiciones em transición*. In *Estúdios Latinoamerciandos sobre cultura e transformaciones sociales em tiempos de globalización*. Buenos Aires: Claoso, 2001.

CANCLINI, Nestor Garcia (b). *Culturas híbridas: como entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2001.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru (SP): Edusc, 2002.

DEBORD, Guy, *Sociedade do Espetáculo*, editora Contraponto, 1997.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das Tribos*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

MORIN, Edgard. *Para Sair do Século 20*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.